

# Uma Ópera do Mundo: Uma versão de **Bintou Wéré. Un opéra du Sahel**



MAUMAUS

Por Manthia Diawara

Em 2007, a ópera **Bintou Wéré. Un opéra du Sahel**, uma encomenda da fundação Prince Claus Fund (Holanda), estreou em Bamako (Mali). Trata-se de uma versão operática da história de uma jovem mulher, Bintou Wéré, e descreve “a vida de jovens numa aldeia, sem perspectivas de emprego, a seca e uma colheita fracassada, bem como um traficante de humanos que lhes oferece o sonho de uma vida melhor do outro lado do arame farpado que marca a fronteira entre o norte de África e o enclave espanhol de Melilla” (libreto de *Bintou Wéré*, da autoria de Koulsy Lamko).

A ambição de **Uma Ópera do Mundo** é refazer **Bintou Wéré. Un opéra du Sahel**, como homenagem ao libreto de Lamko, interpretando livremente os seus temas e recorrendo a algumas das suas personagens principais, cujas performances visam espelhar o drama das atuais crises migratórias mundiais. Entre as personagens incluem-se o *griot* tradicional que aconselha os jovens a não partir; o *griot* moderno que lisonjeia os jovens que regressam com riqueza e prestígio; o líder de uma juventude desumanizada e desprovida de quaisquer direitos que decide abandonar a sua terra natal, desafiando desertos e oceanos, para alcançar a Europa; o traficante corrupto e Bintou Wéré, a jovem mulher grávida que quer que o filho nasça na Europa como garantia para aceder à cidadania europeia.

O conceito também passa por colocar em paralelo um comentador europeu ou africano (intelectual e/ou artista) com um dos protagonistas da ópera. A minha esperança é que a forma artística da ópera, fundada no canto e na emoção, possa emergir da fusão das personagens de **Bintou Wéré** com as vozes de comentadores e as imagens reais e trágicas de refugiados a lutar pela vida no mar, em direção à Europa. Procuo criar o efeito de uma ópera crioulezada sobre a condição humana contemporânea, selecionando e reeditando sequências e cenas de **Un opéra du Sahel**, com imagens de longas filas de refugiados, árias de óperas ocidentais e canções tradicionais africanas que possam evocar no espetador relatos de êxodos bíblicos e outras narrativas afins.

Para a realização de **Uma Ópera do Mundo** apropriei-me do conceito de *chaos-opéra* de Édouard Glissant, a fim de criar relações entre **Bintou Wéré. Un opéra du Sahel** e todas as migrações humanas que ocorreram antes, durante ou depois. **Uma Ópera do Mundo** é concebido como uma *chaos-opéra*, cruzando a palavra, a música e a dança, na tentativa de encontrar um sentido para as migrações humanas e para as novas culturas que delas emergem. No filme, uso noções que encontrei em especialistas, a quem chamo *assistentes*, e que incluem: um poeta/filósofo (Glissant), historiadores, sociólogos, cineastas e escritores (Alexander Kluge, Nicole Lapierre, Fatou Diome e Richard Sennett) e uma jornalista e ativista dos direitos dos refugiados (Agnès Matrahji). Em conjunto, ajudaram-me a estruturar e a avançar na narrativa e a mostrar que, ao longo de toda a história da humanidade, tais movimentos (de emigração e de imigração) resultaram frequentemente na criação de humanidades novas e dinâmicas e não em assimetrias culturais negativas e ameaçadoras.

A noção de *chaos-opéra* é uma forma que Glissant utiliza para quebrar fronteiras e revelar relações, independentemente da grandeza das diferenças e das suas distâncias, em termos de espaço e de tempo. No caso de **Uma Ópera do Mundo**, a *chaos-opéra* traz à luz as relações ocultas e as ligações entre as migrações humanas, induzidas por guerras, ditaduras, fome ou apenas pela procura de novas aventuras e oportunidades, independentemente de quando ocorrerem ou da sua origem em África, na Europa, na Ásia ou nas Américas.

Na criação de **Uma Ópera do Mundo** pretendo alcançar dois objetivos. Em primeiro lugar, respeitando o espírito original de **Bintou Wéré. Un opéra du Sahel**, gostaria de mostrar que se trata de uma obra de arte visionária que põe à prova o nosso compromisso com conceitos como direitos humanos, hospitalidade, empatia e dignidade humana. Como diria Glissant, corremos o risco de progressivamente perder a nossa capacidade de estremecer com o tremor dos outros, dos migrantes.

**Uma Ópera do Mundo** também testa a capacidade de a ópera, enquanto género, quebrar fronteiras entre culturas, entre continentes, alterando se não a forma da ópera tradicional, pelo menos os seus elementos. Joga-se assim com os elementos da ópera original, alterando uns e omitindo outros, fazendo intercalar deliberadamente árias africanas com europeias, do mesmo modo que surgem sobrepostos migrantes africanos, asiáticos e europeus.

O meu segundo objetivo é construir um ponto de encontro entre a ópera, enquanto género, e o filme, enquanto *medium*, para avaliar que novos significados emergem dessa porosidade, dessa transgressão de fronteiras entre a África e o resto do mundo. Pretendo avaliar se o filme não poderá ser o novo *medium* da ópera, por excelência: não só pelo acesso fácil que as massas a ele têm, mas também porque é o veículo perfeito para transmitir várias emoções contraditórias em simultâneo.

A minha experiência de fundir a ópera e o cinema – o erudito e o popular – não é apenas um modo de enriquecer o meu vocabulário fílmico, mas também uma tentativa de libertar o género da ópera dos modelos clássicos e “sagrados” ocidentais. Este projeto deu-me a oportunidade de proporcionar emoções operáticas na tela, ao combinar o canto africano e o europeu, sem estabelecer hierarquias entre ambos e ao entrelaçar canções sagradas e populares, justapondo-as a imagens de África, da Ásia e da Europa, sem interromper o estado emocional do espetador.

A minha infância e adolescência no Mali dos anos 1960 foi sempre acompanhada de canções que elogiavam os migrantes, substituindo os guerreiros épicos por estes novos heróis. Essas canções que incluíam *Dioula*, *Malamine*, *Mansane Cisse* e *Mali Sadio*, são ainda tão populares entre o povo do Mali como os sucessos atuais de Salif Keita (*Babani*) e Fantani Touré (*N’Nari*). Usei *Nterini Kanimba (Meu Amigo e Grande Amor)* de Fanta Damba, uma dessas canções de migrantes heroicos, nos créditos finais do filme. Damba foi a maior diva dos anos 1960 e era a cantora preferida da minha mãe. A letra da canção é a seguinte:

*If you lean on a tree  
what are you going to do when the tree dies?  
When you put all your hopes on a river  
what are you going to do when the river dries up?  
When you lean on a person  
what are you going to do when the person dies?...  
Lean, therefore, on him that your heart has chosen for love and friendship.  
That will last forever.*

Durante muito tempo ouvi esta canção, que me lembrava a minha mãe, como uma canção de amor eterno. Foi só recentemente, quando trabalhava no filme com o editor, na Grécia, que percebi que Damba exorta os homens a partir em busca de fortuna, pois as pessoas dependiam deles para continuar a viver. Por outras palavras, os emigrantes tornaram-se os novos pilares das sociedades afetadas pela seca na região do Sahel, os novos heróis e os grandes amores das nossas vidas.

**Uma Ópera do Mundo.** Portugal, Mali, EUA, 2017. Realização de Manthia Diawara. Produção de Jürgen Bock (Maumaus / Lumiar Cité).